Amlethus antes de Hamlet – Herói nórdico moldado em latim

Renata Caçarini de Freitas¹

Resumo: *O mais famoso personagem da dramaturgia shakespeariana, o melancólico príncipe da Dinamarca, Hamlet, tem sua origem primeira numa lenda nórdica relatada em latim por Saxo Grammaticus, autor do século XII sobre o qual se sabe pouco se sabe. A rota de transmissão do texto da saga “Gesta Danorum” é conhecida, mas há percalços que não permitem afirmar categoricamente que o bardo inglês tenha tido contato direto com a versão latina da história. Independente disso, conhecer o personagem que dá início a uma trajetória literária que parece interminável é crucial para os estudos da dramaturgia. Apresento neste artigo considerações sobre os personagens de Saxo e de Shakespeare, assim como o trecho inicial da minha tradução do latim para o português dos episódios de Amlethus, inéditos em nossa língua.*

Palavras-chave: *tradução, latim, Saxo, Shakespeare, Hamlet.*

Antes de Hamlet, houve um Amlethus. Esse pouco conhecido personagem mítico aparece numa saga dinamarquesa relatada em língua latina por autor que se tornou conhecido como Saxo Grammaticus (c. 1150-c. 1220), tendo florescido no período inserido pelos medievalistas Jacques Le Goff (1924-2014) e Georges Duby (1919-1996) entre a Alta e a Baixa Idade Média, fase batizada por eles de

1 Professora de língua e literatura latina na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói (RJ). Doutora (2019) e mestre (2015) em Letras Clássicas pela USP com pesquisa sobre teatro latino antigo e recepção contemporânea. Especialista em Estudos Clássicos pela UnB com pesquisa sobre placas de maldição latinas (*tabellae defixionum*). Organizou e traduziu a seleção de cartas de Sêneca *Edificar-se para a morte: Das cartas morais a Lucílio* (Editora Vozes, 2016). É graduada em Latim pela USP (2012) e graduada em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero (1990). Tem interesse em dramaturgia elisabetana e contemporânea, além de artes plásticas e museologia. Coordena o Cineclube Matrizes Clássicas UFF. Mantém o blog sobre encenações de teatro antigo no Brasil (<http://palcoclassico.blogspot.com>).

Clássica. Nesse intervalo, que compreende os séculos XII e XIII, surgiram os idiomas vernáculos e estabeleceram-se as primeiras universidades europeias, mas o latim continuou sendo a língua de cultura. Portanto, é natural que Saxo, um clérigo escrevendo a história da Dinamarca a pedido do arcebispo Absalão (1128-1201), da cidade de Lund, hoje situada na Suécia, tivesse optado pelo latim.

As *Historiae* ou *Gesta danorum* reúnem os feitos dos dinamarqueses em 16 capítulos: os sete últimos relatam eventos históricos do século XII e os nove primeiros resgatam lendas nórdicas, a história pagã. Estima-se que a obra não tenha sido concluída antes de 1208, pois chega a aludir a uma expedição do rei Valdemar II pelo rio Elba ocorrida nesse ano. Nos capítulos III e IV, aparece pela primeira vez o jovem Amlethus, filho de Horvendillus, cogovernador da Jutlândia, morto pelo irmão Fengo, que usurpa o cargo e desposa a viúva Gerutha. Então, Amlethus finge-se louco enquanto planeja a vingança, que executa e à qual sobrevive para governar, mesmo que temporariamente. Esse pouco conhecido Amlethus, precursor do famoso Hamlet, tem duas esposas e usa de extrema violência contra seus inimigos. É um personagem medieval com marcas de virilidade e crueldade, não um renascentista melancólico com sua morbidez, como se veria em cena Hamlet no século XVI:

A audiência de Shakespeare, vendo Hamlet em seus trajes negros numa recepção da corte, sabia que ele sofria de um excesso de melancolia ou bñis negra, e esperava um solilóquio que expressasse ódio à vida e uma visão nauseada desta. A melancolia era uma doença tanto física quanto emocional e mental, e eles também percebiam que, quando Hamlet, já melancólico, finge-se de louco, vai achar difícil distinguir onde está o limite. (FRYE, 2011, p. 22)

Esse “limite” é muito claro para Amlethus: a loucura é fingida, representando a melancolia até, mas de características medievais. É pura encenação para dissimular sua estratégia de vingança: não há conflito interno, não há dúvidas sobre a desforra pela morte do pai e pela usurpação do trono e da rainha. A melancolia “medieval” – por assim dizer – era associada à acédia: a apatia dos monges em relação ao culto, exatamente como na quarta acepção do verbete no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa: “abulia espiritual quanto ao exercício das virtudes”. Essa inércia monacal é apenas simulada por Amlethus, ao passo que é amplamente conhecida e reconhecida a indecisão que acarreta a prostração de Hamlet.

O Renascimento é a era da melancolia. Sob a influência de Marsílio Ficino² e dos platônicos de Florença, a melancolia-temperamento aparece como o apanágio quase exclusivo do poeta, do artista, do grande príncipe e, sobretudo, do verdadeiro filósofo. (STAROBINSKI, 2016, p. 52)

O comportamento melancólico na obra de William Shakespeare (1564-1616) é externado também por Jacques, personagem da comédia *Como gostais* (*As you like it*), porta-voz da famosa afirmação “O mundo inteiro é um palco, e todos os homens e mulheres, apenas atores. Eles saem de cena e entram em cena, e cada homem a seu tempo representa muitos papéis, suas sete idades em sete anos”.³ Na tragédia homônima, o personagem Macbeth adota tom mais pesado: “A vida é só uma sombra: um mau ator/que grita e se debate pelo palco,/depois é esquecido; é uma história/que conta o idiota, toda som e fúria,/sem querer dizer nada”.⁴

O *topos* da vida como um palco estava presente também no imaginário coletivo durante a Idade Média Clássica, como se pode atestar do *Policraticus* (c. 1159), de John of Salisbury (c. 1120-1180), classificado como o primeiro livro de ciência política medieval, escrito quando o clérigo estava a serviço do arcebispado de Canterbury (Cantuária), na Inglaterra:

Já se disse que é uma luta a vida do homem na terra. Mas se o espírito profético tivesse concebido os tempos atuais, o que se diria é que é uma comédia a vida do homem na terra, onde cada um, esquecido de si, desempenha outro papel. (SALISBURY, 1909, p. 190)⁵

Assim, ao menos dois traços indelévels da maior – em extensão e em fama – das peças shakespeareanas estavam já naturalmente presentes na narrativa latina

2 Marsílio Ficino (1433-1499) foi clérigo, médico e tradutor, importante expoente do humanismo florentino, que influenciou o imaginário dos seus contemporâneos com o conceito do sábio melancólico, retratado na famosa gravura *Melancholia I* (1514), de Albrecht Dürer (1471-1528), na qual se vê um anjo com a cabeça apoiada sobre a mão diante de vários símbolos de cultura.

3 Tradução em prosa de Beatriz Viégas-Faria (SHAKESPEARE 2013: 62) dos versos: “*All the world’s a stage, / And all the men and women merely players; / They have their exits and their entrances, / And one man in his time plays many parts, / His acts being seven ages*” (Ato 2, cena 7, versos 139-43).

4 Tradução em versos de Barbara Heliodora (SHAKESPEARE 2010: 567) dos versos: “*Life’s but a walking shadow; a poor player / That struts and frets his hour upon the stage, / And then is heard no more: it is a tale / Told by an idiot, full of sound and fury, / Signifying nothing*” (5.5.18-27).

5 Minha tradução direto do latim do trecho: “*Militia, inquit, est vita hominis super terram. At, si nostra tempora propheticus spiritus concepisset, diceretur egregie quia comedia est vita hominis super terram, ubi quisque sui oblitus personam exprimit alienam*” (Livro 3.8.15-19).

da lenda de Amlethus: a melancolia encenada e a vida como palco. O que muda é que, no teatro do período elisabetano-jacobino, a encenação da melancolia ganha complexidade, incluindo os questionamentos que o personagem principal faz a si na tentativa de se pôr em ação, de fazer cumprir seu compromisso moral com o monarca e pai morto, vencendo a própria apatia. Além dos solilóquios, tantas vezes usados como exemplos, pode-se perguntar quanto de simulação do personagem haveria, de fato, na seguinte fala de Hamlet aos falsos amigos Rosencrantz e Guildenstern:

“Ultimamente – não sei por que – perdi toda a alegria, desprezei todo o hábito dos exercícios e, realmente, tudo pesa tanto na minha disposição que este grande cenário, a terra, me parece agora um promontório estéril; este magnífico dossel, o ar, vejam, esse belo e flutuante firmamento, este teto majestoso, ornado de ouro e flama – não me parece mais que uma repulsiva e pestilenta congregação de vapores. Que obra de arte é o homem, como é nobre na razão, como é infinito em faculdades e, na forma e no movimento, como é expressivo e admirável, na ação é como um anjo, em inteligência, como um deus: a beleza do mundo, o paradigma dos animais. E, no entanto, para mim, o que é essa quintessência do pó?” (SHAKESPEARE, 2010, p. 100)⁶

Tal fala parece revelar, mesmo que eventualmente interpretada em tom jocoso, a visão de mundo deste Hamlet vestido de negro, vitimado pelo luto. Como salienta Starobinski, a condição física e mental de padecer do “humor negro” é justificativa bastante para o homem irreverente denunciar, impunemente, a deplorável situação do mundo:

Virando-se contra si mesmo, declarando-se joguete de um ascendente maléfico, o autor satírico nega a sua própria importância. Assim, reduzido a nada, pode dizer tudo sobre si mesmo e sobre o mundo. O que vale essa palavra? A doutrina da melancolia permite considerá-la como o pior desatino ou como a sabedoria mais perspicaz. (STAROBINSKI, 2016, p. 133)

6 Tradução de Barbara Heliodora do seguinte trecho em prosa: “*I have of late – but wherefore I know not – lost all my mirth, forgone all custom of exercises, and indeed it goes so heavily with my disposition that this goodly frame, the earth, seems to me a sterile promontory; this most excellent canopy, the air – look you, this brave o’erhanging firmament, this majestical roof fretted with golden fire – why, it appears no other thing to me than a foul and pestilent congregation of vapors. What a piece of work is a man! How noble in reason, how infinite in faculty! In form and moving how express and admirable! In action how like an angel, in apprehension how like a god! The beauty of the world. The paragon of animals. And yet, to me, what is this quintessence of dust?*” (2.2.296-309).

A perspicácia, a inteligência aguda associada à melancolia, é tema abordado na Antiguidade Clássica por Aristóteles, no século IV a.C., no chamado “Problema XXX”⁷:

Por que razão todos os que foram homens de exceção, no que concerne à filosofia, à ciência do Estado, à poesia ou às artes, são melancólicos, e alguns a ponto de serem tomados por males dos quais a bílis negra é a origem, como contam, entre os relatos relativos aos heróis, os que são consagrados a Hércules? (ARISTÓTELES, 1998, p. 81)

O filósofo trata dos caracteres naturais, e para tanto os compara com as mudanças temporárias causadas pela ingestão excessiva de vinho, e desenvolve o argumento, a partir da hipotética existência da bílis negra no organismo, de uma “mistura do quente com o frio” (ibid., p. 91), que pode alcançar o extremo desses dois estados. Prossegue o argumento apontando que “aqueles nos quais essa mistura se encontra abundante e fria são presas do torpor e da idiotia” (ibid., p. 93). O frio excessivo também causa covardia (ibid., p. 97). Já os vitimados pelo calor demasiado têm acessos de loucura, porém, quando esse estado não chega a irromper, o melancólico tem atributos superiores ou para a cultura, leia-se, filosofia, ou para as artes, isto é, a poesia, ou para a gestão da cidade (ibid., p. 95) – esses são seres de exceção (ibid., p. 99).

O paradigma citado por Aristóteles é Hércules, herói civilizador, melancólico-quente que, num acesso de loucura induzido por Hera, mata os filhos. Hamlet, melancólico-frio, afirma logo no primeiro solilóquio não ser como Hércules⁸. Ainda assim, Hamlet é claramente um ser-personagem de exceção, portador de uma natureza melancólica algo inspirada⁹ que conduz ao conhecimento iluminado, como se fosse um filósofo. O personagem é estudante de Wittenberg, centro teológico verídico da Alemanha que, entre 1586 e 1588, acolheu Giordano Bruno

7 Há uma polêmica quanto à autoria do texto grego, talvez um pseudo-Aristóteles (ARISTÓTELES, 1998, p. 51-3), mas em um comentário nas *Tusculanas*, de Cícero, no século I a.C., o autor seria mesmo Aristóteles.

8 “Oh deus, um animal sem raciocínio/guardaria mais luto – ei-la casada/com o irmão de meu pai, mas tão diverso/dele quanto eu de Hércules. Um mês!”, na tradução versificada de Barbara Heliodora dos versos: “O God! A beast that wants discourse of reason/ would have mourned longer – married with mine uncle./ My father’s brother but no more like my father/ than I to Hercules. Within a month!” (1.2.150-3)

9 Nos versos finais de sua última fala, Hamlet afirma (5.2.376): “but I do prophesy th’election lights on Fortinbras” ou “mas predigo que a escolha irá a Fortimbrás” (trad. Lawrence Flores Pereira, 2015, p. 193), referindo-se ao príncipe norueguês como futuro rei da Dinamarca.

(1548-1600), discípulo da “magia dos astros” de Marsílio Ficino (1433-1499): este chegou a ser acusado de necromancia em 1482, enquanto aquele foi mesmo condenado à morte por heresia durante a Inquisição.¹⁰

Portanto, vê-se que o imaginário coletivo do Renascimento reuniu o temperamento melancólico, influenciado pelos astros e pela bÍlis negra, e a agudeza de espírito num personagem que é geralmente descrito como característico do período. Contudo, essa agudeza de espírito é mais um traço em comum que Hamlet tem com Amlethus. Veja-se, então, como, neste breve trecho da narrativa de Saxo, os três pontos levantados até aqui são evidentes:

Com suas mãos assassinas, Fengo não hesitou em trocar abraços ilegítimos, dando sequência a um delito duplamente herético com um crime equivalente. Constatando isso, Amlethus, para que não levantasse a suspeita do tio sobre si por agir com mais prudência, tendo decidido simular idiotice, fingiu extremo desequilíbrio mental e com tal esperteza não apenas encobriu seu engenho como também garantiu sua salvação. Todos os dias, depois de ter envolvido a casa materna no pleno torpor do luto, enodoava seu corpo largado no chão com a imundície dos detritos nojentos. A cor apagada do rosto e a face lambuzada de secreção configuravam a demência e o ridículo da idiotice. Qualquer som que emitia combinava com suas extravagâncias, qualquer coisa que fizesse exalava profunda inércia. Acrescentar o quê? Podia-se dizer não se tratar de um homem, mas de um risível prodígio da delirante fortuna. (SAXO, Dan. 3.6.5 [10]-3.6.6[5])¹¹

É preciso destacar que no texto de Saxo não ocorre o termo “melancolia” (em latim, *melancholia*)¹². Na verdade, o substantivo não aparece nos dicionários de latim clássico – vide o *Oxford Latin Dictionary* (OLD), que inclui apenas o verbete

10 Sobre o tema, consultar artigos de Marcos Ferreira de Paula, docente da Unifesp, citados na bibliografia.

11 O texto latino é extraído do site da Det Kongelige Bibliotek, Copenhagen. <http://www2.kb.dk/clib/lit/dan/saxo/lat/or.dsr/3/6/index.htm>. Consultado em 30/04/2017. Minha tradução direto do latim do seguinte trecho: “[10] *Nec dubitavit Fengo parricidales manus flagitiosis inferre complexibus, geminae impietatis noxam pari scelere persecutus.* 3.6.6 [1] *Quod videns Amlethus, ne prudentius agendo patruo suspectus redderetur, stoliditatis simulationem amplexus extremum mentis vitium finxit eoque calliditatis genere non solum ingenium texit, verum etiam salutem defendit.* [2] *Quotidie maternum larem pleno sordium torpore complexus abiectum humi corpus obsceni squaloris illuvie respergebat.* [3] *Turpatus oris color illitaque tabo facies ridiculae stoliditatis dementia figurabant.* [4] *Quicquid voce edebat, deliramentis consentaneum erat; quicquid opere exhibuit, profundam redolebat inertiam.* [5] *Quid multa? Non virum aliquem, sed delirantis fortunae ridendum diceris monstrum.*”

12 Sobre a ocorrência do termo latino, veja-se o capítulo “Naming a disease” em BELL, Matthew. *Melancholia: The Western Malady* (2014).

adjetivo *melancholicus*, registrando passagem de Cícero sobre Aristóteles (1968, p. 1092): *Aristoteles quidem ait omnes ingeniosos melancholicos esse, ut ego me tardiores esse non moleste feram. (Tusc. I. 80)*. Ou seja, Cícero, o mais aclamado dos oradores latinos, se coloca entre os morosos, não entre os astutos: “Aristóteles, de fato, diz que todos os homens engenhosos são melancólicos, de tal forma que eu não me incomodo de ser mais vagaroso” (minha tradução). A palavra ocorre somente no latim tardio. Aparece, no entanto, na versão francesa da história de Amlethus¹³.

A rota de transmissão do texto de Saxo é acidentada, já que há notícia de um epítome, um resumo da obra, apenas em 1431. O clérigo dinamarquês Christiern Pedersen busca cópia do manuscrito original a partir de 1510. Localizada – e hoje dada como perdida –, é impressa em latim, em 1514, em Paris. O texto circula, tanto é que Erasmo de Roterdã (1466-1536) o comenta no seu *Dialogus Ciceronianus* (1528), elogiando a variedade de figuras de linguagem, o repertório lexical e o uso de máximas. Em 1570, François de Belleforest (1530-1583) faz uma adaptação da história de Amlethus em francês, que integra o livro V das suas *Histoires Tragiques*, com sete edições até 1600. Uma versão do texto latino é publicada em dinamarquês por Anders Sørensen apenas em 1575.

A história francesa do personagem chamado Amleth tem sua versão em inglês apenas em 1608, como *Historie of Hamlet*. No entanto, a Biblioteca Britânica possui cinco diferentes edições do livro V de Belleforest, sendo que a mais antiga delas é datada de 1576. Além disso, nomes como Geoffrey Fenton (c. 1539-1608) e William Painter (c. 1540-1594) são citados como tradutores de parte das *Histoires Tragiques* na Inglaterra. Diante dessa evidente circulação da obra francesa, é provável que o chamado *Ur-Hamlet* (1587?), peça da qual há referências no palco inglês antecedendo o texto de Shakespeare (1599?), tenha se baseado na versão de Belleforest, mas também não se pode descartar sua origem na narrativa latina de Saxo. Como não há texto supérstite dessa peça, geralmente atribuída a Thomas

13 “& ainsi Amleth, vivant son pere, avoit esté endoctriné en cette science, avec laquelle le malin esprit abuse les hommes, & advertissoit ce Prince (comme il peut) des choses ja passées. Je n’ay affaire icy de discourir des parties de divination en l’homme, & si ce Prince, pour la vehemence de la melancholie, avoit reçeu ces impressions...” Na minha tradução: “...e assim Amleth, quando era vivo seu pai, fora treinado naquela ciência com a qual o espírito maligno abusa dos homens, e alerta o príncipe (tanto quanto pode) sobre acontecimentos passados. Não se trata aqui de discorrer sobre as partes da adivinhação no homem e se o príncipe, pela veemência da melancolia, recebera essas impressões...” Texto da edição francesa de 1572 no site da Biblioteca Nacional Francesa, consultado em 01/05/2017: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k1103447/f1.image.r=fran%C3%A7ois+de+belleforest.langFR>

Kyd (1558-1594), persiste a teimosa discussão acerca do modelo adotado pelo bardo inglês para o seu *Hamlet*¹⁴.

Por outro lado, é possível tentar traçar o desenvolvimento ou desdobramento do personagem Hamlet, cujo registro primeiro é o de Saxo, mas que se multiplica incessantemente nos palcos de todo o mundo em variações incontáveis. O que é ainda hoje atávico em Hamlet senão a amargura melancólica? Sobe ao palco um ator solitário, nenhum outro personagem o acompanha e, por mais de uma hora, ele fala, não mata, nem morre, e ainda assim é Hamlet.

A indisponibilidade do chamado *Ur-Hamlet* dificulta traçar com exatidão as alterações sofridas pelo personagem no seu percurso literário. Contudo, a única frase remanescente da peça – “*Hamlet, revenge!*” – revela que, do texto medieval ao renascentista, o mote da vingança persiste. Se foi uma reação natural para Amlethus, torna-se depois obrigação de sangue para o Amleth francês, embora não ainda motivo de reflexão como para Hamlet. Porém, como observa José Roberto O’Shea em sua edição do primeiro *Hamlet* (2010, p. 20), o *in-quarto* de 1603, esse texto mais curto e ágil, mostra o personagem “menos introspectivo e mais focado na vingança do que o príncipe que protagoniza as versões mais longas”, ou seja, o segundo *in-quarto* (1605) e o fólio (1623).

Tradução

Diante da extensão da obra de Saxo, cabe ao tradutor da lenda de Amlethus operar um recorte. Assim, me parece que um bom início para a história antecede mesmo o nascimento do personagem principal, e incluo, então, um retrato da bravura de seu pai, em honra do qual Amlethus executará sua vingança. Início a tradução no livro 3.6.1, com a subdivisão em parágrafos e em frases, que manteenho apenas no texto latino, apresentado ao lado do texto em português, em que os nomes foram, por ora, mantidos em latim. A partir desse ponto são relatadas aventuras de Horwendillus, que depois de ter governado a Jutlândia por três anos a mando do rei Roricus, da Dinamarca, entrega-se às aventuras da pirataria e ganha fama. Collerus, rei da Noruega, o inveja e quer vencê-lo com a força de suas armas. Encontrando-se os dois em situação de combate, Hordenvillus propõe um duelo como a melhor prova de coragem. Collerus aceita e sugere um pacto sobre

14. Sobre as várias referências editoriais da história de Hamlet, consultar BOULHOSA, GILLESPIE e IBÁÑEZ-LLUCH.

o tratamento a ser dado ao derrotado após a morte. Este é um trabalho ainda em andamento, portanto, apresento aqui apenas um excerto:

Dan 3.6.1 (p. 76,6)

[1] Eodem tempore Horwendillus et Fengo, quorum pater Gerwendillus Iutorum praefectus exstiterat, eidem a Rorico in Iutiae praesidium surrogantur. [2] At Horwendillus, triennio tyrannide gesta, per summam rerum gloriam piratae incubuerat, cum rex Norvagiae Collerus operum eius ac famae magnitudinem aemulatus decorum sibi fore existimavit, si tam late patentem piratae fulgorem superior armis obscurare quivisset.

[3] Cuius classem varia fretum navigatione scrutatus offendit. [4] Insula erat medio sita pelago, quam piratae collatis utrimquesecus navigiis obtinebant. [5] Invitabat duces iucunda litorum species, hortabatur exterior locorum amoenitas interiora nemorum verna perspicere lustrisque saltibus secretam silvarum indaginem pererrare. [6] Ubi forte Collerum Horwendillumque invicem sine arbitris obvios incessus reddidit.

Dan 3.6.2 (p. 76,18)

[1] Tunc Horwendillus prior regem percontari nisus, quo pugnae genere discernere libeat, praestantissimum affirmans, quod paucissimorum viribus ederetur. [2] Duellum siquidem ad capessendam fortitudinis palmam omni certaminis genere efficacius fore, quod propria virtute subnixum alienae manus opem excluderet.

[3] Tam fortem iuvenis sententiam admirans Collerus: 'Cum mihi,' inquit, 'pugnae

Nessa época, Horwendillus e Fengo, cujo pai, Gerwendillus, havia sido governante dos jutos, são encarregados por Roricus de proteger a Jutlândia. Mas Horwendillus, depois de três anos no poder, dedicara-se à pirataria obtendo muita glória em suas ações. Foi quando o rei Collerus, da Noruega, considerou então que, imitando a grandeza dessas conquistas e a fama, conquistaria para si também reconhecimento se, sendo superior em armas, fosse capaz de ofuscar o brilho que o pirata espalhava.

Topou com a frota dele após ter vasculhado os mares em várias navegações. Havia uma ilha situada em pleno oceano, que os piratas abordavam com suas embarcações atracadas cada uma de um lado. O belo aspecto das praias atraía os capitães, a área externa agradável incitava a investigar o interior primaveril dos bosques e a perambular numa investigação secreta das matas pelas trilhas já abertas. Foi quando, por acaso, a caminhada colocou frente a frente Collerus e Horwendillus, um e outro, sem mediadores.

Então, Horwendillus avançou primeiro e perguntou ao rei que tipo de combate seria melhor travarem, afirmando que o mais notável seria o que envolvesse o mínimo de homens. Que o duelo, visto que se almejava o prêmio da bravura, seria o mais eficaz tipo de certame porque, contando com a própria coragem, excluiria a ajuda de outrem.

Admirando tão valente declaração do jovem, Collerus diz: “Uma vez que me

delectum permiseris, maxime utendum iudico, quae tumultuationis experts duorum operam capit. [4] Sane et audacior et victoriarum promptior aestimatur. [5] In hoc communis nobis sententia est, hoc ultro iudicio convenimus. [6] At quoniam exitus in dubio manet, invicem humanitati deferendum est, nec adeo ingeniis indulgendum, ut extrema neglegantur officia. [7] Odium in animis est; adsit tamen pietas, quae rigori demum opportuna succedat. [8] Nam etsi mentium nos discrimina separant, naturae tamen iura conciliant. [9] Horum quippe consortio iungimur, quantuscumque animos livor dissociet. [10] Haec itaque pietatis nobis condicio sit, ut victum victor inferiis prosequatur. [11] His enim suprema humanitatis officia inesse constat, quae nemo pius abhorruit. [12] Utraque acies id munus, rigore deposito, concorditer exsequatur. [13] Facessat post fatum livor, simultasque funere sopiatur. [14] Absit nobis tantae crudelitatis specimen, ut, quamquam vivis odium intercesserit, alter alterius cineres persequamur. [15] Gloriosum victori erit, si victi funus magnifice duxerit. [16] Nam qui defuncto hosti iusta persolverit, superstitis sibi favorem asciscit, vivumque beneficio vincit, quisquis extincto studium humanitatis impenderit. [17] Est et alia non minus luctuosa calamitas, quae vivis interdum, damnata corporum parte, contingit. [18] Huic non segnius quam ultimae sorti succurrendum existimo. [19] Saepe enim incolumi spiritu membrorum clades pugnantibus incidit; quae sors omni fato tristior duci solet, quod mors omnium memoriam tollat, vivens vero proprii corporis stragem neglegere nequeat. [20] Hoc quoque malum ope excipiendum est. [21] Conveniat igitur alterius ab altero laesionem denis auri talentis sarciri. [22] Nam

permitiste escolher o combate, julgo que se deva fazer o melhor: o combate que, sem tumulto, envolve o empenho de dois. Logicamente é considerado mais ousado e mais rápido. Quanto a isso, temos a mesma opinião, convergimos em nosso julgamento. Mas considerando que o desfecho permanece uma dúvida, é preciso que ambos respeitem o que é humano, não cedendo tanto aos instintos a ponto de serem negligenciados os últimos deveres. Há ódio nos corações; mas haja também piedade, que, na hora certa, substitua a crueza. Pois, ainda que diferenças de mentalidade nos separem, as leis da natureza nos conciliam. Com efeito, pelo consórcio delas somos reunidos, por maior que seja o rancor que afaste nossos corações. Assim, façamos um pacto de piedade: que o vencedor ofereça rituais fúnebres ao vencido. De fato, esse é considerado o principal dever do homem, que nenhum ser piedoso recusa. Que cada um dos lados, depondo a crueza, execute essa homenagem de bom grado. Que o rancor desapareça depois do fato e que a rivalidade fique adormecida no funeral. Que se ausente de nós tamanha crueldade e não persigamos as cinzas um do outro, embora em vida o ódio tenha intercedido. Será a glória do vencedor, ter realizado fêretro magnífico para o vencido. Pois, quem tenha cumprido o que é justo para com o inimigo morto alcança o favor dos sobreviventes e conquista o vivo pela benesse quem quer que tenha tratado com humanidade o falecido. Há também outra desgraça, não menos pesadosa, que acontece por vezes aos vivos: a perda de uma parte do corpo. Considero que se deva prestar socorro a isto tão logo quanto à derradeira sorte. De fato, muitas vezes combatentes perdem membros, mas mantêm a respiração intacta:

si pium est alienis calamitatibus compati, quanto magis propriis misereri? [23] Nemo naturae non consulit; quam qui neglegit, sui parricida est.'

Dan 3.6.3 (p. 77,7)

[1] In haec data acceptaque fide pugnam ineunt. [2] Neque enim iis aut mutui occursum novitas aut vernantis loci iucunditas, quo minus inter se ferro concurrerent, respectui fuit. [3] Horwendillus appetendi hostis quam muniendi corporis nimio animi calore avidior redditus, neglecta clipei cura, ambas ferro manus iniecerat. Nec audaciae eventus defuit. [4] Collerum siquidem scuto crebris ictibus absumpto spoliatum, desecto tandem pede exanimem occidere coegit. [5] Quem, ne pacto deesset, regio funere elatum magnifici operis tumulto ingentique exsequiarum apparatu prosecutus est. [6] Deinde sororem eius, Selam nomine, piraticis exercitum rebus ac bellici peritam muneris, persecutus occidit.

Dan 3.6.4 (p. 77,17)

[1] Triennium fortissimis militiae operibus emensus, opima spolia delectamque praedam Rorico destinat, quo sibi propiorum amicitiae eius gradum conscisceret. [2] Cuius familiaritate fultus filiae eius Geruthae connubium impetravit, ex qua filium Amlethum sustulit.

tal sorte costuma ser tomada como mais triste que qualquer outro destino, porque se a morte extirpa a memória de tudo, não há dúvida que a pessoa viva não é capaz de ignorar um dano ao próprio corpo. Este mal também deve ser compensado. Portanto, concordemos ser reparada a lesão com dez talentos de ouro cada um de uma parte a outra. Pois, se é piedoso compadecer-se das desgraças alheias, quanto mais não o é ter misericórdia das próprias? Não há quem delibere contra o que é natural; quem ignora isso é assassino de si mesmo”.

Aceitos e afiançados esses termos, partem para o combate. De fato, nem o inusitado do mútuo encontro nem a beleza do lugar primaveril os motivou a amenizar o embate de espada. Horwendillus, com ânimo extremamente exaltado, mais ávido de atacar o inimigo que de defender-se, descuidado do escudo, se lançara com as duas mãos na espada. E não falhou o ato de audácia. Collerus, privado do escudo que tinha sido destruído após tantos golpes, com um pé seccionado, morreu desacordado. E para que não faltasse ao pacto, Horwendillus ofereceu os rituais fúnebres com grandes exéquias e um túmulo magnificamente erigido, levando Collerus num régio funeral. Em seguida, perseguiu e lhe matou a irmã, chamada Sela, experiente nas artes da pirataria e perita no ofício da guerra.

Completados três anos de valorosíssimas ações militares, Horwendillus destina a Roricus espólios valiosos e seletos para avançar ainda mais na sua relação de amizade. Tendo conquistado essa proximidade, arrebatou em casamento sua filha Gerutha, com a qual teve um filho, Amlethus.

Dan 3.6.5 (p. 77,21)

[1] *Tantae felicitatis invidia accensus Fengo fratrem insidiis circumvenire constituit.* [2] *Adeo ne a necessariis quidem secura est virtus.* [3] *At ubi datus parricidio locus, cruenta manu funestam mentis libidinem satiavit.* [4] *Trucidati quoque fratris uxore potitus incestum parricidio adiecit.* [5] *Quisquis enim uni se flagitio dederit, in aliud mox proclivior ruit; ita alterum alterius incitamentum est.* [6] *Idem atrocitatem facti tanta calliditatis audacia texit, ut sceleris excusationem benevolentiae simulatione componeret parricidiumque pietatis nomine coloraret.*

[7] *Gerutham siquidem, quamquam tantae mansuetudinis esset, ut neminem vel tenui laesione commoverit, incitatissimum tamen mariti odium expertam, salvandaeque eius gratia fratrem a se interfectum dicebat, quod mitissimam et sine felle feminam gravissimum viri supercilium perpeti indignum videretur.* [8] *Nec irrita propositi persuasio fuit.* [9] *Neque enim apud principes fides mendacio deest, ubi scurris interdum gratia redditur, obtreptatoribus honos.* [10] *Nec dubitavit Fengo parricidales manus flagitiosis inferre complexibus, geminae impietatis noxam pari scelere persecutus.*

Dan 3.6.6 (p.77,36)

[1] *Quod videns Amlethus, ne prudentius agendo patruo suspectus redderetur, stoliditatis simulationem amplexus extremum mentis vitium finxit eoque calliditatis genere non solum ingenium texit, verum etiam salutem defendit.* [2] *Quotidie maternum larem pleno sordium torpore complexus abiectum humi corpus obsceni squaloris illuvie respergebat.* [3] *Turpatus oris color illitaque tabo facies ridiculae stoliditatis*

Ardendo de inveja de uma felicidade tal, Fengo decidiu enredar o irmão em armadilhas. A virtude não está protegida nem dos parentes. Assim que apareceu a ocasião do assassinato hediondo, com mão sanguinária ele saciou o funesto desejo da sua mente. Tendo se apoderado também da esposa do irmão que exterminara, somou incesto ao assassinato. Quem quer que se entregue a um crime logo se inclina a outro, assim o anterior incita o seguinte. Fengo encobriu com astúcia tão ousada a atrocidade do feito que conseguiria o perdão do crime simulando benevolência e amenizaria o assassinato hediondo alegando ter agido por piedade.

Porque lhe parecesse indigno que mulher tão doce e sem maldade se resignasse à autoridade severíssima do esposo, ele dizia ter matado o irmão para salvar Gerutha, que, embora fosse tão gentil a ponto de não causar o menor dano a ninguém, tinha sofrido com o desmedido ódio do marido.

E nem foi preciso persuasão. Nem junto a príncipes a confiança escapa da mentira quando se agraciam parasitas e se homenageiam detratores.

Com suas mãos assassinas, Fengo não hesitou em trocar abraços ilegítimos, dando sequência a um delito duplamente herético com um crime equivalente.

Constatando isso, Amlethus, para que não levantasse a suspeita do tio sobre si por agir com mais prudência, tendo decidido simular idiotice, fingiu extremo desequilíbrio mental e com tal esperteza não apenas encobriu seu engenho como também garantiu sua salvação. Todos os dias, depois de ter envolvido a casa materna no pleno torpor do luto, enodoava seu corpo largado no chão com a imundície dos detritos nojentos. A cor apagada do rosto e a face lambuzada

dementiam figurabant. [4] Quicquid voce edebat, deliramentis consentaneum erat; quicquid opere exhibuit, profundam redolebat inertiam. [5] Quid multa? Non virum aliquem, sed delirantis fortunae ridendum diceret monstrum.

de secreção configuravam a demência e o ridículo da idiotice.

Qualquer som que emitia combinava com suas extravagâncias, qualquer coisa que fizesse exalava profunda inércia. Acrescentar o quê? Podia-se dizer não se tratar de um homem, mas de um risível prodígio da delirante fortuna.

E a história continua com pontos em comum com o aclamado *Hamlet*, como o encontro com a mãe em que é morto o espião do rei e a viagem à Inglaterra com uma carta de recomendação enganosa. Mas a experiência de Amlethus em território inglês é narrada por Saxo, com provas tremendas de sabedoria do herói. Ele retorna à Dinamarca, onde põe fogo no palácio e mata o tio assassino de seu pai, discursando para justificar sua vingança. Torna-se rei da Dinamarca. Vai à Inglaterra visitar a esposa e acaba se casando também com a rainha da Escócia. De volta à Dinamarca, é morto em batalha.

Referências bibliográficas

_____. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

ARISTÓTELES. *O homem de gênio e a melancolia: o problema XXX, I*. Trad. grego, apres. e notas Jackie Pigeaud. Trad. port. Alexei Bueno. Rio: Lacerda Editores, 1998.

BELL, Matthew. *Melancholia: The Western Malady*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

BOULHOSA, Patricia Pires. “Sagas islandesas como Fonte da História da Escandinávia Medieval”. In: *Signum*, nº 7, São Paulo (2005), p. 13-39.

FRYE, Northrop. *Sobre Shakespeare*. São Paulo: Edusp, 2011.

GILLESPIE, Stuart. *Shakespeare's Books: A Dictionary of Shakespeare Sources*. Londres: The Athlone Press, 2001.

IBÁÑEZ LLUCH, Santiago. “La leyenda de Amleto en la *Historia Danesa* de Saxo Gramático”. In: *Estudios Ingleses de la Universidad Complutense*, nº 5, Madri (1997), p. 261-78.

PAULA, Marcos Ferreira de. “Espinosa e a tradição melancólica”. In: *Cadernos Espinosanos*, nº 18, São Paulo (2008), p. 53-70.

_____. “Pode o conhecimento dar alguma alegria? Uma interpretação da ‘Melancolia I’, de Albrecht Dürer, a partir da ‘Ética’ de Spinoza”. In: *Kriterion*, nº 130, Belo Horizonte (2014), p. 597-618.

SALISBURY, John of. *Polycraticus*. Texto latino estabelecido por Clemens J. Webb. Oxford: Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1909.

SAXO [GRAMMATICUS]. Texto latino completo disponível no site da Det Kongelige Bibliotek, de Copenhague. Consultado em 30 de abril de 2017: <http://www2.kb.dk/elib/lit/dan/saxo/lat/or.dsr/3/6/index.htm>

_____. *The History of the Danes Books I-IX*. Ed. Hilda Ellis Davidson. Trad. Peter Fisher. Cambridge: D. S. Brewer, 1999 (1979).

_____. *Historia Danesa (Libros I-IV)*. Trad., intr. e notas Santiago Ibáñez Lluch. Valência: Ediciones Tilde, 1999.

SHAKESPEARE, William. *Como gostais, seguido de Conto de Inverno*. Trad. Beatriz Viégas-Farias. Porto Alegre: L&PM, 2013.

_____. *Hamlet, Rei Lear, Macbeth*. Trad. Barbara Heliodora. São Paulo: Abril, 2010.

_____. *O primeiro Hamlet – in-quarto de 1603*. Org. e trad. José Roberto O'Shea. São Paulo: Hedra, 2010.

_____. *Hamlet*. Trad., intr. e notas Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Classics Cia das Letras, 2015.

STAROBINSKI, Jean. *A tinta da melancolia: uma história cultural da tristeza*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia das Letras, 2016.